

Cartilha



Grupo de Equidade de Gênero Bayer

Eliminação da Violência Contra a Mulher



Sumário



Dia Internacional pela eliminação da violência contra a mulher



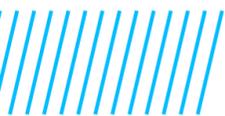
O que é violência contra a mulher?



Estatísticas de violência contra a mulher



Ciclo da violência doméstica



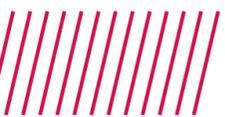
Qual o papel de cada um?



Qual a posição da Bayer?



Canais de Denúncia



Para refletir: Sessão “Não é mimimi”



Mensagem final



Referências

Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher

*A data marca o assassinato das irmãs Mirabal, também conhecidas como Las Mariposas, ocorrido na República Dominicana em 1960, por conta da oposição delas ao regime ditatorial do país à época. Em 17 de dezembro de 1999, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou que 25 de novembro é o Dia Internacional da Eliminação da Violência contra a Mulher, em homenagem ao sacrifício de Las Mariposas, estabelecendo a jornada de reivindicação para governos, organizações internacionais e organizações não governamentais a convocar atividades dirigidas a **sensibilizar a opinião pública sobre o problema da violência contra a mulher.***

////// O que é a violência contra a mulher?

“É qualquer conduta de discriminação ou agressão, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause danos, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.” (CNJ)

Atos de violência contra a mulher ocorrem todos os dias e podem acontecer em casa, no seu ambiente de trabalho, na sala de aula, na faculdade ou na escola. E quando se pensa em violência é importante saber que a lei protege as mulheres não apenas daquelas agressões que deixam marcas explícitas na pele, mas também daquelas que ferem a autoestima, que intimidam suas ações, que ridicularizam e limitam seus direitos como cidadã.

A violência contra mulheres constitui-se em uma das principais formas de violação dos seus direitos humanos, e é estruturante da desigualdade de gênero e se manifesta de diversas formas:

I - Violência física é aquela conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher.

II - Violência psicológica é qualquer conduta que causa dano emocional e diminuição da auto-estima ou que prejudica e perturba o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar as ações.

III - Violência sexual é aquela conduta ofensiva à mulher que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada.

IV - Violência patrimonial é qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores (como salário por exemplo).

V - Violência moral é qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Estatísticas de violência contra a mulher

No mundo, uma em cada três mulheres já sofreu violência física ou sexual.

24% dos países não tem leis para coibir a violência doméstica. Isso significa que 306,8 milhões de mulheres adultas não dispõem de recursos legais para reportar violência doméstica, num cenário onde 38% dos assassinatos de mulheres são cometidos pelo parceiro da vítima.

No Brasil, um caso de agressão contra mulheres é registrado a cada 4 minutos.

Segundo o Atlas da Violência 2020, no ano de 2018, uma mulher foi assassinada no Brasil a cada duas horas, totalizando 4.519 vítimas.

Por ano, mais de 4 milhões de mulheres são assediadas fisicamente no transporte público, no total, mais de 22 milhões de mulheres brasileiras sofreram algum tipo de assédio. No mesmo período, 1,6 milhões sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento no país.

Uma pesquisa realizada pelo instituto DataSenado, em 2015, mostra que 100% das mulheres entrevistadas sabiam da existência da Lei Maria da Penha, mostrando o aumento da educação da população feminina sobre os seus direitos.

No entanto, 43% relataram não serem tratadas com respeito. Além disso, as entrevistadas relataram que se sentem mais seguras e começaram a identificar e denunciar com mais frequência os casos de violência doméstica. A mesma pesquisa mostra que cerca de 21% das vítimas de violência doméstica não procuram ajuda e os principais motivos relatados são a preocupação com as crianças (24%), o medo de vingança do agressor (21%), a crença de que o episódio seria o último (16%), a descrença nas consequências legais (10%) e vergonha (7%).

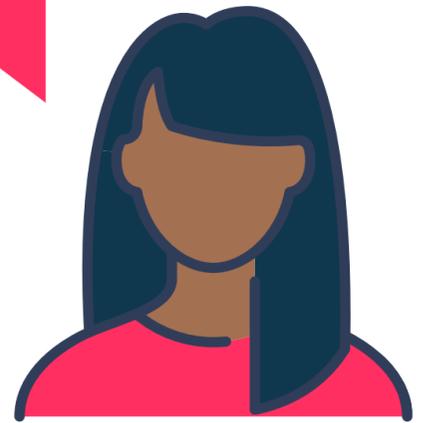
Uma pesquisa do Ministério da Justiça revela que 80% das vítimas de violência doméstica não quer que o agressor seja preso: as vítimas, ao invés, oferecem soluções alternativas, tais como tratamento psicológico (40%), grupos de discussão de agressores (30%) e a obrigatoriedade de prestação de serviços comunitários (10%).[14] Além disso, 9% das mulheres entrevistadas relataram que se sentiram total ou parcialmente culpadas pela violência sofrida.

No Rio de Janeiro, segundo dados do Tribunal de Justiça do estado, desde o início da quarentena no mês de março, as denúncias por violência doméstica e familiar saltaram mais de 50%.

Em São Paulo, epicentro da pandemia no Brasil, o Núcleo de Gênero em parceria com o Centro de Ajuda Operacional Criminal do Ministério Público paulista, divulgaram uma nota técnica que mostra que de fevereiro a março de 2020 houve um aumento de quase 30% das medidas protetivas de urgência e de 51,4% de prisões em flagrante comparado ao mesmo período do ano anterior.

Ciclo da violência doméstica

É importante reforçar que a agressão física não é o início da violência, mas sim o seu fim. Isso porque, conforme observado, existem vários tipos de violência. No contexto conjugal, existe um ciclo de violência que é constantemente repetido e pelo qual muitas mulheres passam sem perceber seu perigo.

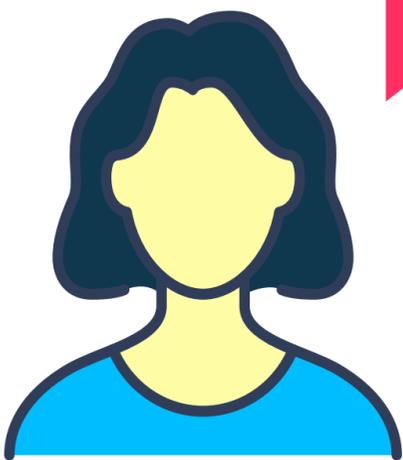


Fase 1: *nesta fase a tensão entre o casal aumenta pela maior irritabilidade do agressor, que se mostra mais estressado, agressivo, culpabiliza a vítima e busca torná-la amedrontada, enquanto a vítima se vê “andando sobre ovos” ao buscar de toda forma não provocar ou irritar mais ainda o agressor. Nessa fase se observam com maior evidência as violências psicológica e moral.*

Fase 2: há o ápice da violência, na qual o agressor explode e toda a tensão da fase anterior se materializa em qualquer uma das violências que já mencionamos. A denúncia da violência geralmente ocorre nessa fase, mas nem todas as mulheres que saem dela ilesas, já que a agressão pode resultar na morte da vítima.

Fase 3: após a explosão, o agressor se arrepende e nesta fase apresenta comportamentos que buscam a reconciliação com a vítima. O indivíduo demonstra remorso, promete que vai mudar, busca justificar seu momento de explosão, torna-se amoroso, carinhoso. Esse comportamento, aliado aos sentimentos que tomam conta da mulher, como o medo, a culpa e a ilusão, acaba por convence-la a prosseguir o relacionamento. Mas o ciclo voltará a se repetir.

O ponto importante é que as fases podem ocorrer em períodos cada vez mais curtos, tendo consequências cada vez mais graves.



Qual o papel de cada um?

Todos nós devemos recrutar, não permitir e denunciar, qualquer tipo de abuso ou violência contra a mulher.

Este processo exige as seguintes situações:

Escutar: *Devemos desenvolver a escuta ativa e empática quando nos deparamos com alguma situação, e principalmente, quando alguma mulher próxima nos aborde para trazer o problema pelo qual está passando;*

Não julgar: *É muito importante ter genuíno interesse em colaborar para cessar o ciclo de violência, em quaisquer circunstâncias. Esta é uma situação que exige apenas o nosso apoio;*

Criar confiança: *A partir da escuta ativa e abordagem de apoio, criamos uma relação de confiança que nos permite ser ativos no combate à violência;*

Nem sempre há solução imediata: *Trata-se de um processo delicado e que muitas vezes não vai ser resolvido de maneira simples, por isso é importante ter isso em mente e assegurar o propósito de ajuda contínua;*

Não desista: *Como existem ciclos no processo de violência, cabe à cada um de nós, garantir que a violência não ocorra mais. É necessário persistir no apoio;*

Qual a posição da Bayer?

Fazer uma denúncia é sempre uma ação afirmativa, que demonstra o cuidado por uma vida. Vale ressaltar que a Bayer condena e não tolera todo e qualquer tipo de violência, e nós devemos nos unir e agir para que nenhuma menina ou mulher fique para trás, seja no nosso ambiente corporativo ou nas nossas relações sociais.

Vislumbramos no momento a oportunidade de trazer à tona um aspecto intrinsecamente ligado ao tema: ética, integridade e o papel do LPC na prevenção e remediação de condutas indesejadas dentro de nossa organização. Seja orientando, comunicando ou atuando na implementação de ferramentas para mitigar e monitorar riscos, temos um compromisso como organização e como seres humanos em promover um ambiente íntegro, plural e seguro para o saudável convívio de todos.

Quando falamos em Compliance, nosso principal objetivo é trabalhar na implementação de uma cultura de integridade que permeie todos os níveis de nossa organização. Dentro deste panorama, o respeito mútuo, a forma como lidamos com terceiros e como conduzimos nossas atividades estão diretamente conectados com os valores que praticamos.

Não à toa, o “i” de LIFE representa “Integridade” - um dos valores estruturantes de nossa organização.

Quando tratamos de integridade, falamos também em harmonia, ética, transparência, retidão e acima de tudo, em respeito. Respeito aos nossos valores, princípios, ao ambiente, às regras e ao próximo.

Segundo a pesquisa “Violência e Assédio Contra a Mulher sob a perspectiva do mundo corporativo”, realizada em 2019 com 311 empresas pela Talenses, consultoria de recrutamento especializado, em parceria com o Instituto Maria da Penha (IMP) e com o Instituto Vasselo Goldoni com o apoio do ONU Mulheres, apenas 25% das organizações monitoram e atuam sobre os casos de violência contra a mulher.

A pesquisa aponta alguns exemplos de ações voltadas ao combate ao assédio moral e sexual, tais como: canal de denúncias (38%), campanhas de conscientização e sensibilização (32%), canal de ouvidoria para apoio à mulher (25%), apoio jurídico (17%) e subsídio psicológico externo (14%).

Todas estas ferramentas são, de alguma forma, oferecidas por nossa organização, e cabe a cada um de nós propagar sua existência e trabalhar para sua plena efetividade.

Assim, temos que reconhecer as iniciativas implementadas até o momento e fortalecer cada vez mais a discussão destes dois temas em nossa organização, uma vez que se vinculam com o bem-estar de nosso principal ativo: nossos colaboradores.

Canais de Denúncia

Possuímos duas ferramentas muito poderosas para remediar situações envolvendo irregularidades cometidas contra e por nossos colaboradores:

Tina

Implementada em 2020, A Tina é um canal de atendimento online que tem o objetivo de atender, acolher, orientar com muita empatia e sem julgamentos todas àquelas que vivenciam relacionamentos conflituosos ou vivenciam algum tipo de violência doméstica.

Trata-se de um **canal de acolhimento e suporte**.

É um canal focado em tornar o ambiente de trabalho mais amigável para as mulheres e acolhedor, compreendendo que esse é um dos caminhos para se atingir a equidade de gênero e promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável.



A ferramenta oferece serviços como:

- Código Identificador Exclusivo da Empresa
- Opção de Relato Anônimo
- Tipos de Violência: doméstica, sexual e moral no ambiente de trabalho
- Conversas Individuais com Assistentes Sociais

Para relatar um caso, basta acessar o site www.tinaajuda.me, inserir o código BAY180 e preencher um formulário com as informações necessárias. Após fornecer algumas informações, você terá acesso a um bate-papo online com uma psicóloga ou assistente social.

Não se preocupe, o acompanhamento pode ser feito anonimamente, basta anotar o código gerado na tela inicial para que sempre possa verificar o status de seu atendimento.

A plataforma funciona de segunda à sexta-feira, das 8h às 18h.

Hotline

Nosso hotline é um canal interno de denúncias para o reporte de qualquer irregularidade ou violação ao nosso código de conduta, da lei ou de nossas políticas internas. Ele é gerenciado por um fornecedor externo, que trata as informações antes de redirecionar os relatos para uma estrutura global em nossa organização. As denúncias, que podem ser realizadas anonimamente, passam por uma triagem e são distribuídas entre as regiões para apuração pelo nosso time de investigação, composto por uma equipe multidisciplinar especializada neste tipo de atividade.

Nosso canal pode ser acionado de diversas formas, tais como:

- Telefone: 0800 770 2040 (o atendimento ocorre em várias línguas, com português incluído);
- E-mail: através do speak.up@bayer.com
- Site: <http://www.expolink.co.uk/bayercompliance> -



o denunciante só precisa preencher um formulário descrevendo o ocorrido, trazendo detalhes de quem estava envolvido, quando e possíveis testemunhas, e, caso prefira não se identificar, deve anotar o número de protocolo para que o time de investigação entre em contato com o denunciante de forma anônima.

Nosso objetivo é promover o amplo conhecimento de nossos canais de denúncia e facilitar o acesso a todos os colaboradores. Os principais motivos pelos quais procuramos identificar e apurar os problemas levantados em nossos canais são: a) solucionar os problemas reportados; e b) identificar a causa raiz do problema e trabalhar em estratégias e medidas para impedir que este venha a se repetir.

Assim, visando fortalecer nossos valores e dar cada vez mais visibilidade a nossas ferramentas para endereçar os temas aqui tratados, contamos com o apoio de todos na construção de uma organização mais unida, inclusiva e íntegra.

Encorajamos todas as nossas colaboradoras a não se calarem diante de uma situação de violência que esteja vivenciando. O silêncio é o maior inimigo da vítima!

Para refletir – Sessão “Não é mimimi”

Não é mimimi: A discriminação e o preconceito existentes na sociedade e nas nossas atitudes cotidianas estão arraigados em nossos padrões de comportamento. Precisamos constantemente estar alertas e pensar sobre isso para nos livrarmos dessa prática.

Estereótipo comum “Mas será que você (mulher) dá conta de executar essa tarefa?”

Não é mimimi: Constantes piadinhas sexistas, perseguições, exposição a situações vexatórias, supervisão excessiva, ameaças, exigência de tarefas impossíveis, críticas grosseiras, utilização de palavras de baixo calão, brincadeiras inapropriadas e isolamentos são exemplos de assédio moral no ambiente de trabalho, o qual, em diversos casos, está associado a uma relação de poder.

Estereótipo comum “Você poderia vir mais vezes com essa calça para o trabalho”

Não é mimimi: As mensagens, gestos, comentários e e-mails de cunho sexual ou convites insistentes e inapropriados por colegas de trabalho, gerentes e supervisores também são formas de assédio sexual que prejudicam o desempenho da vítima e perturbam o meio ambiente de trabalho.

Estereótipo comum “Por que você não quer sair comigo se nós já trabalhamos juntos?”

Não é mimimi: Anúncios de emprego que excluem mulheres, diferença salarial entre os gêneros, assédio sexual, exigência de teste de gravidez, não contratação de mulheres mães são exemplos de práticas discriminatórias que devem ser combatidas por todas as pessoas. Além do mais, a discriminação se manifesta na desigualdade salarial, pois a média da remuneração da mulher equivalente a 77% da remuneração do homem.

Estereótipo comum “Como você vai se dedicar pra esse cargo se vai ter que sair de licença maternidade em breve?”

Não é mimimi: Quando relativizamos um comportamento violento, mediante argumentos depreciativos em relação a outras pessoas, estamos promovendo discurso de ódio.

Estereótipo comum “Isso não passa de uma brincadeira, o que ele quis dizer foi...”

Não é mimimi: O feminicídio acontece na maior parte das vezes em dias da semana (68%), 39% durante o dia, sendo que 8% ocorre no trabalho ou no trajeto da vítima para o trabalho. Em 84% dos casos, os agressores foram parceiros (cônjuges ou conviventes) ou ex-parceiros da vítima. Cerca de 45% dos crimes decorre de separação do casal recente ou pedido de rompimento e 30% por sentimento de posse ou machismo. A condição econômica é determinante para a mulher sair da situação de violência de gênero

Estereótipo comum “Ela é culpada por ter mantido esse relacionamento abusivo”

Não é mimimi: É muito importante que haja uma educação crítica, alicerçada na igualdade de gêneros para viabilizar o empoderamento das mulheres ainda quando crianças, visando evitar a vivência de situações de discriminação ou mesma a prática da opressão

Estereótipo comum “Meninos brincam de lutinha e meninas brincam de boneca”

Não é mimimi: Assédio sexual no trabalho e violência doméstica são exemplos de práticas machistas, reveladas na ideia de poder/dominação sobre a mulher. Denunciar as atitudes e fatos é essencial para interromper o ciclo de opressão e machismo.

Estereótipo comum “Isso não é problema meu...”

Não é mimimi: É legal se colocar no lugar do outro para tentar entender seu sofrimento, mas a gente tem que entender que nenhum homem vai conseguir saber exatamente como se sente uma mulher que todos os dias sofre algum tipo de violência pelo simples fato de ser mulher, por isso, meu amigo, deixa ela falar.

Estereótipo comum “Mulheres reclamam demais”

Não é mimimi: Para sair desse círculo vicioso, o primeiro passo é reconhecer o desamparo e procurar ajuda profissional. A pessoa deve aprender a acreditar em si e assim recuperar a autoestima.

Estereótipo comum “Não vai acontecer de novo...”

Não é mimimi: É muito importante, por exemplo, que, nos casos de assédio sexual no trabalho, haja uma solidariedade entre as vítimas e demais colegas para evitar que o assediador continue com sua prática ilícita e receba a devida punição.

Estereótipo comum “Eu não posso prejudicar meu chefe/colega de trabalho...”

Não é mimimi: O Brasil se destaca na violência contra a mulher: é o 4º país no mundo em casamento infantil e 5º país que mais mata mulheres (4,8 mulheres mortas para 100.000 habitantes), sendo que 503 mulheres são agredidas por hora; em 2016 5,2 milhões de mulheres sofreram assédio em transporte público; 30% sofre algum tipo de violência durante a vida; o lugar mais perigoso é dentro de casa; a cada 12 segundos ocorre um estupro.

Estereótipo comum “Eu não conheço ninguém que tenha sido estuprada...”

Não é mimimi: A mulher que passa por situação de violência doméstica deixa de comparecer ao trabalho a média de 18 dias no ano, o que gera uma perda estimada de 65 milhões de reais para as mulheres no Nordeste, segundo o Instituto Maria da Penha. Além do mais, a mulher muitas vezes chega atrasada, tem menor capacidade de concentração, de tomada de decisões, o que gera maior stress e deteriora seu capital humano

Estereótipo comum “Ouvi dizer que fulana está doente, mas deve ser só uma desculpa pra faltar ao trabalho”

Mensagem final

Seja a mudança que você quer ver. Faça valer a sua voz. Denuncie. A sua atitude, por mais que simples, pode salvar uma vida.



Referências

Materiais de apoio/fontes de pesquisa

<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/areas-tematicas/violencia>

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf>

<https://news.un.org/pt/tags/violencia-domestica>

<https://www.politize.com.br/violencia-domestica-no-brasil/>

<https://ndmais.com.br/seguranca/policia/depoimento-de-uma-sobrevivente-entenda-o-ciclo-da-violencia-domestica/>

https://movimentomulher360.com.br/wp-content/uploads/2019/01/cartilha_violenciagenero-11.pdf

*Texto composto e escrito por representantes
do grupo All In HeForShe, RH BP, I&D e LPC:*

*Silvano Silva
Bruno Vilarino
Priscilla Mazzi
Cibele Rudge
Thiago Funfas
Priscila Novaes Mollica
Catiane Oliveira
Denise De Souza Fernandes*